



PEDROSA, Fábio Augusto de Carvalho*

<https://orcid.org/0000-0003-2044-7734>

RESUMO: Os cemitérios oitocentistas possuem o melhor da arte escultórica de outrora. São anjos, anjinhos, pranteadoras, cruzes, colunas, capelas, famílias inteiras representadas no último adeus, uma profusão de símbolos sagrados e profanos impressos em mármore de Lioz e Carrara. Essas peças eram adquiridas em marmorarias especializadas em obras tumulares, que contavam com grandes estoques de pedras e possuíam uma equipe de técnicos e artistas diplomados. No presente estudo serão reconstituídas as trajetórias das primeiras marmorarias de Manaus entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, que foram a *Ítalo-Amazonense* e *A Reformadora*, ambas de italianos, e analisadas suas produções que se encontram no Cemitério de São João Batista.

PALAVRAS-CHAVE: Marmorarias; Arte tumular; Manaus.

ABSTRACT: Nineteenth-century cemeteries possess the best of sculptural art from the past. There are angels, little angels, mourners, crosses, columns, chapels, entire families represented in the last goodbye, a profusion of sacred and profane symbols printed in Lioz and Carrara marble. These pieces were purchased from marble shops specializing in tomb works, which had large stocks of marble and had a team of qualified technicians and artists. In this study, the trajectories of the main marble factories in Manaus between the end of the 19th century and the first decades of the 20th century, which were *Ítalo-Amazonense* and *A Reformadora*, both owned by Italians, will be reconstructed and their productions found in the São Paulo Cemetery will be analyzed. João Batista, in Manaus.

KEYWORDS: Marble shops; tomb art; Manaus.

* Graduado em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), onde atualmente cursa o mestrado na mesma área sob orientação da Profa. Dra. Keith Valéria de Oliveira Barbosa, desenvolvendo pesquisa sobre arte e sociedade nos cemitérios de Manaus entre os séculos XIX e XX.

OBRAS TUMULARES EM MANAUS ANTES DAS MARMORARIAS

Manaus teve vários cemitérios ao longo de sua história. Para este estudo foram analisados os de São José (1856-1891), São Raimundo (1888-1891) e de São João Batista (1891), onde se encontram os melhores e mais antigos exemplares de arte tumular da cidade.

O Cemitério de São José foi o principal cemitério da cidade na época do Império, aberto em caráter de urgência durante uma epidemia de febre amarela em 1856. Nele foi sepultada a elite da província do Amazonas, formada por comerciantes portugueses e brasileiros, proprietários de terra, senhores de escravizados, funcionários públicos, políticos e militares. Funcionou até 1891, quando foi desativado pelo governador Eduardo Gonçalves Ribeiro por ocasião da inauguração do Cemitério de São João Batista. Após a abertura de editais, a prefeitura realizou em 1932 o traslado dos túmulos, jazigos e restos mortais das famílias solicitantes para o novo cemitério (figura 1). Essa transferência possibilitou o estudo de seus artefatos funerários, seus estilos e origens.

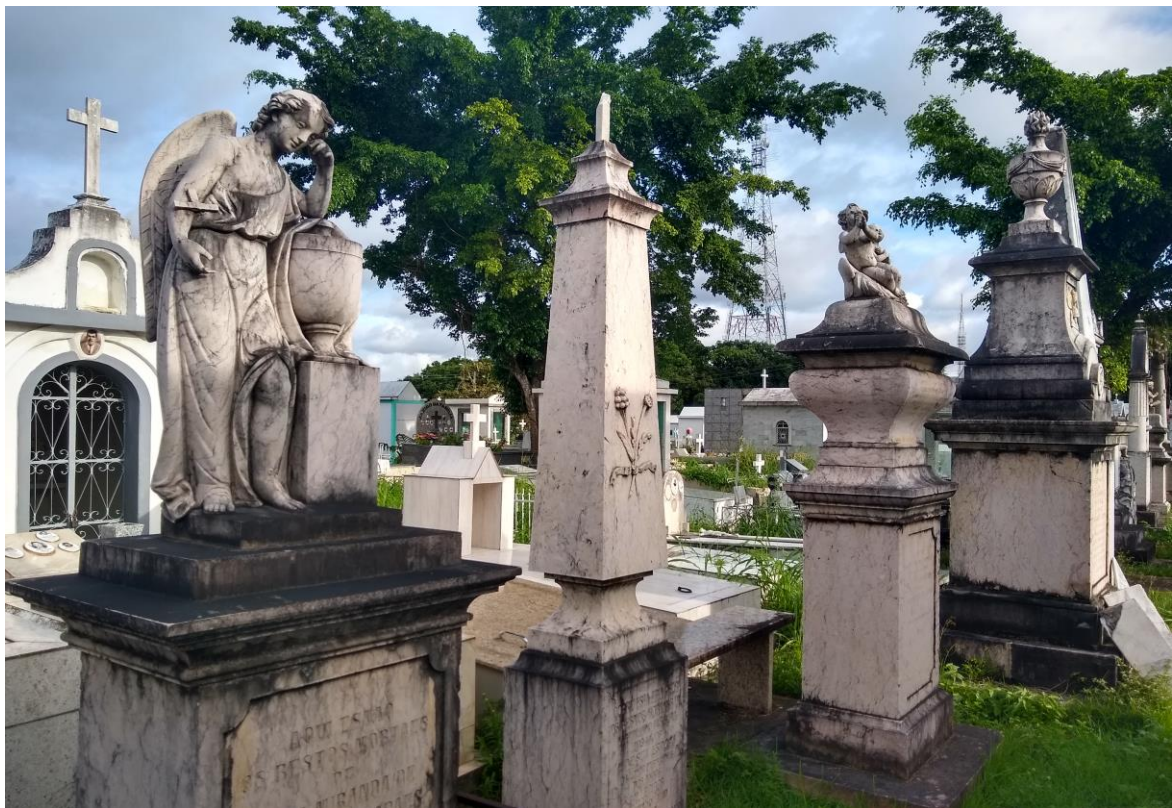
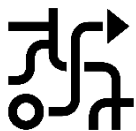


Figura 1 – Túmulos e jazigos do antigo Cemitério de São José. Foto: Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa.



De onde vinham essas peças? Por muito tempo a cidade não dispôs de marmorarias. Em 1892 o jornal Amazonas registrou que não existiam oficinas de mármore em Manaus (AMAZONAS, 23/12/1892, p. 01).

Nos jornais encontramos pessoas como Ignácio Pessoa, morador da Estrada Dr. Moreira (Rua Dr. Moreira), oferecendo o serviço de ornar sepulturas com lousas e dísticos, aceitando “[...] encomenda de pedra mármore para mesa, aparador etc.” (AMAZONAS, 18/12/1892); Manuel Serrano, no Hotel Faro, na rua dos Barés, oferecendo “[...] seus serviços ao público desta capital para a construção de mausoléus, sepulturas e quaisquer outras obras de arte no cemitério de S. João, e bem assim para edificação de prédios e obras de alvenaria por empreitada” (DIÁRIO DE MANÁOS, 25/04/1893, p. 03); e o arquiteto e pintor Manoel Paulino da Silva, que podia ser encontrado na Loja Magnólia, na rua da Instalação, que trabalhava construindo e embelezando mausoléus e gravando epitáfios (DIÁRIO DE MANÁOS, 30/07/1893, p. 04).

Os que tinham maior poder aquisitivo recorriam às oficinas de cantaria de Portugal e, localmente, às do Pará, como a de Martins & Backus e a de Wieganh & Wirth, esta última com grande depósito de monumentos em mármore, granito e pedra de cantaria, esculturas em pedras artificiais e pedras para campos tumulares de vários tamanhos. Faziam ainda grades para sepulturas, de ferro batido e pedra. Nos anúncios que publicaram em um jornal de Manaus informavam que

encarregam-se de fazer e mandar vir monumentos e mausoléus de qualquer material acima mencionado assim como de qualquer estilo arquitetônico, garantindo solidez e o mais apurado gosto artístico. O estabelecimento é dividido em oficina de escultura, oficina de polir mármore e granito, repartição para letras gravadas e em relevo, dita para desenhos e ornamentos de todos os trabalhos concorrentes a nossa oficina. Agência das mais afamadas pedreiras e serrarias de pedras da Europa das principais fábricas de mosaico, azulejos, balaústres e de todas as ornamentações arquitetônicas em pedras naturais, e artificias, terracota, ferro, bronze etc., etc. (JORNAL DO AMAZONAS, 09/03/1886).

A falta de estabelecimentos dessa natureza era sentida. Em 1879 o jornal *Commercio do Amazonas* publicou uma notícia sobre a inauguração, no Cemitério da Soledade, em Belém-PA, de um jazigo capela confeccionado pela oficina de mármore de Martin & Backus, estabelecida na capital paraense:

Vimos no cemitério público um túmulo-capela, digno de menção saído da oficina de mármore dos Srs. Martin e Backus, estabelecida à travessa do Passinho.

E' um rico monumento de mármore branco e azul, pertencente ao Sr. coronel José Evangelista de Faria Maciel; mede quatro metros de altura, e contém 8 depósitos para caixões nas duas paredes laterais. Tudo nele é gosto artístico, máxima elegância e solidez.

As diferentes peças são perfeitamente ligadas e o tecto sobre posto com toda segurança.

Na fachada está principalmente o trabalho de arte, sem igual no meio de tantos outros que avultam por sua magnificência na cidade dos mortos.

A porta, de gosto inteiramente novo, foi construída de níquel polido nos Estados Unidos.

Não é este o único trabalho que os hábeis artistas têm executado nesse gênero.

Inferiores em luxo, mas notáveis pela singeleza e elegância vimos ainda os túmulos mandados construir pelos Srs. Bolonha de Loureiro, Dr. Ferreira Cautão e comandante Figueiredo.

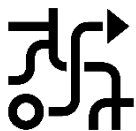
Muitos outros trabalhos desta natureza têm eles em andamento nas suas oficinas, tornando-se digna de nota uma coleção de estátuas de mármore de Carrara, cada qual melhor acabada (COMMERCIO DO AMAZONAS, 21/09/1879).

O jornal destacou que seria bastante vantajosa a instalação de uma empresa semelhante em Manaus, pois os custos para adquirir obras de mármore na Europa eram muito altos, inacessíveis para a maior parte da população: “Se é verdade que se pode obter na Europa um túmulo por menos dinheiro, é certo que os riscos, e mais os gastos de transporte e colocação elevam-lhe o preço” (COMMERCIO DO AMAZONAS, 21/09/1879). Uma marmoraria especializada possibilitaria o embelezamento do cemitério manauara. Por volta de 1880 já existiam na cidade agentes da oficina de Martins & Backus. Era a firma Machado e Silva & Cia, instalada na rua do Imperador, atual Marechal Deodoro (COMMERCIO DO AMAZONAS, 20/05/1880, p. 03; COMMERCIO DO AMAZONAS, 09/10/1880, p. 03).



Figura 2 – Túmulo de Lourença do Rego Barros (1887). Obra das Oficinas de Germano José de Salles & Filhos, de Lisboa, Portugal. Foto: Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa.

A elite amazonense do período adquiriu seus túmulos e jazigos na Europa. Os monumentos fúnebres do Cemitério de São José atestam essa afirmativa, pois são em sua quase totalidade confeccionados em mármore de Lioz, natural de Lisboa e arredores. A esse respeito, o pesquisador Clarival do Prado Valladares registrou que “a história natural dos cemitérios brasileiros tem muito que ver com a história aventurosa da pedra de lisboa” (VALLADARES, 1972, p. 121). Na base de uma das obras (figura 2) encontramos uma assinatura que indica sua procedência: “*Off. Nas de G. J. Salles & F.os R. do Arsenal 134 Lisboa*”. Essa assinatura é da antiga Oficinas de Germano José de Salles & Filhos, localizada na Rua do Arsenal, em Lisboa, Portugal. Os Salles, segundo a arquiteta e urbanista Cibele de Mattos Mendes, foram



um dos maiores canteiros de Lisboa, especialistas na construção de jazigos (MENDES, 2016, p. 143).

Em outro jazigo consta a assinatura da Oficina de G. & Moreira, estabelecida na rua da Almada, n° 466, na cidade do Porto. Não muito distante dali encontro em outro o nome de Joaquim Pedro Biscaia, da rua do Salitre, n° 371, em Lisboa; e, em um jazigo capela, a assinatura de Manoel M. Rato & Filhos, na rua de São Paulo, Lisboa. De acordo com o historiador José Francisco Ferreira Queiroz, as oficinas de cantaria portuguesas, principalmente as lisboetas, tiveram sua “idade de ouro” a partir da década de 1850, quando ocorreu a expansão dos cemitérios e da arte tumular. Com a intensificação da procura, os canteiros investirão em técnica e publicidade, seja na assinatura das obras ou na publicação de catálogos, almanaques e anúncios em jornais (QUEIROZ, 2000, p. 58-60).

Na *Revista dos Monumentos Sepulchraes*, publicada em Lisboa em 1868 (REVISTA DOS MONUMENTOS SEPULCHRAES, 1868), encontramos fotografias de monumentos funerários iguais aos do Cemitério de São José, do Cemitério da Soledade, em Belém-PA, do Cemitério do Campo Santo, em Salvador-BA, e de outros cemitérios oitocentistas brasileiros.

No final do período provincial é inaugurado o Cemitério de São Raimundo, localizado em bairro homônimo, em atividade de 1888 a 1891. Seus túmulos e jazigos não chegaram aos nossos dias e, para que fosse possível fazer alguma análise, recorreu-se a fotografias e ao memorialismo. A memorialista e pesquisadora Elza Souza, especialista na história desse bairro, registra que “As famílias ricas da cidade vinham enterrar seus familiares no lugar e faziam mausoléus luxuosos” (SOUZA, 2010, p. 18).

Tal afirmação pode ser confirmada analisando um registro fotográfico (figura 3) no qual aparecem alguns monumentos de mármore em meio a montículos de terra com cruces de madeira. São obras de fino acabamento construídas em estilo eclético, ambas com baldaquino, pequena cúpula sustentada por colunas utilizada na proteção de altares e imagens.



Figura 3 – Cemitério de São Raimundo. Foto de 1901. Em meio à simplicidade das cruzes de madeira, duas obras de mármore. Fonte: Instituto Durango Duarte.

Em 05 de abril de 1891 o governador Eduardo Gonçalves Ribeiro inaugurou o Cemitério de São João Batista. Seus túmulos mais antigos têm o mesmo estilo arquitetônico dos do antigo Cemitério de São José, como é o caso do monumento do médico e historiador Aprígio Martins de Menezes (figura 4), falecido no ano de sua abertura, construído em mármore de Lioz. Analisando essa e outras obras, como algumas simples campas tumulares feitas em mármore, e também tendo como base o trabalho da pesquisadora Carla Mara Matos Aires Martins (MARTINS, 2021), constatou-se que os manauaras continuaram a importar seus túmulos, até fins de 1890, de oficinas de cantaria portuguesas, bem como utilizando os serviços de trabalhadores como Ignácio Pessoa, Manuel Serrano e Manoel Paulino da Silva.

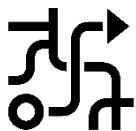


Figura 4 –Túmulo do médico e historiador Aprígio Martins de Menezes (1844-1891), feito em mármore de Lioz. Foto: Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa.

Essa situação mudaria a partir do final do século XIX, no contexto das transformações urbanas e econômicas gestadas pela economia gomífera, com a chegada de profissionais altamente qualificados e a inauguração da primeira marmoraria da cidade.

ÍTALO-AMAZONENSE: A PRIMEIRA MARMORARIA DE MANAUS

A primeira marmoraria de Manaus foi a *Ítalo-Amazonense*, do italiano Cesare Veronesi, inaugurada em 1898 na rua Saldanha Marinho, canto da avenida Eduardo Ribeiro (COMMERCIO DO AMAZONAS, 18/11/1898, p. 02). Pouco se sabe sobre



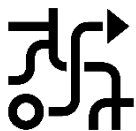
Veronesi, a não ser sua provável origem, que é a cidade de Verona, na região do Vêneto, norte da Itália, e que chegou à Manaus no ano da abertura de sua empresa (IMPARCIAL, 05/05/1918, p. 04).

A partir da unificação da Itália em 1870 e o início de sua industrialização, a imigração de italianos se intensificou. Uma das regiões procuradas para o estabelecimento de colônias foi a Amazônia, enriquecida com a exportação da borracha (DERENJI, 1998, p. 128). De acordo com o historiador Otoni Mesquita, naquela época os italianos formaram em Manaus uma mão de obra especializada, atuando em obras públicas e particulares. Ele destaca a atuação da marmoraria de Veronesi no embelezamento da cidade dos mortos:

Nota-se, a partir dessa época, a importante atuação da marmoraria Ítalo-Amazonense, responsável por uma significativa produção de esculturas em mármore. Um número considerável dessas obras encontra-se no Cemitério São João Batista de Manaus, com datas que variam de 1901 a 1925, sendo algumas peças assinadas por artistas italianos, mas, além dessa marmoraria, havia outras que importavam esculturas de diferentes cidades italianas (MESQUITA, 2019, p. 176).

Ela foi responsável pela construção da maioria dos túmulos e jazigos do Cemitério de São João Batista, aceitando encomendas de monumentos funerários, sepulturas e esculturas – para o interior e fora do Estado – tendo diferentes tipos de mármore em estoque, os importando diretamente da Europa. Os clientes escolhiam as peças prontas (seriadas) em catálogos, bem como encomendavam trabalhos exclusivos, como veremos a seguir. Assegurava que os trabalhos eram executados por artistas diplomados em institutos técnicos da Itália. Além da arte escultórica, fazia a “limpeza de pedras de sepulcros, catacumbas, etc, para o próximo dia de finados. Vende e encarrega-se de qualquer obra por preço muito mais cômodo, visto como importa diretamente a matéria prima” (COMMERCIO DO AMAZONAS, 31/10/1899).

Em um de seus primeiros anúncios, datado de 1899, pediu ao público “o obséquio de visitar a Marmoraria Ítalo Amazonense: e verificar de visu que não há necessidade de sair de Manaus para contentar o bom gosto dos fregueses e satisfazer todos os caprichos e fantasias em matéria d’arte, perfeição e modicidade de preços” (A FEDERAÇÃO, 15/11/1899, p. 03). Noutra dessas notas, de período posterior, destacou que era muito mais vantajoso aos clientes adquirir as obras em Manaus, pois ir ao Pará era caro, dado os preços das passagens e dos fretes, e demandava



muito tempo: “A *Ítalo-Amazonense* previne que possui um moderno e perfeito maquinismo que no Pará não existe” (IMPARCIAL, 05/05/1918, p. 04).

A *Ítalo-Amazonense* vai difundir em Manaus o uso do mármore de Carrara, natural da cidade de Carrara, localizada na região da Toscana, província de Massa-Carrara, cercada de pedreiras. Segundo a pesquisadora Pollyana D’Avila Gonçalves Dias, não se tem registros da importação de mármore italiano para a cidade anteriores a 1850 (DIAS, 2013, p. 59). Essa difusão será facilitada pelo fato de que a empresa buscava atingir todos os públicos, vendendo “grande sortimento de cruces de cimento misturado com mármore” e “lapides de lousa, bonitas”, com “preços para todos os bolsos” (JORNAL DO COMMERCIO, 05/11/1908, p. 04). Nos anúncios e no cemitério é possível observar que ela comercializava desde o monumento rebuscado à lápide mais simples, “tendo, além disso, um grande depósito de trabalhos feitos que vendem a preços razoáveis” (JORNAL DO COMMERCIO, 04/05/1905, p. 03), utilizando inclusive material local: “A referida amostra acima foi tirada na propriedade de um distinto Amazonense, havendo na pedreira umas jazidas enormes e pouco longe de Manaus” (IMPARCIAL, 04/10/1918, p. 03).

Nos anos iniciais ocupou os números 23 e 31 da rua Saldanha Marinho, canto da avenida Eduardo Ribeiro. Em 1903 a empresa muda de endereço, agora localizada no número 61 da avenida Eduardo Ribeiro, canto da rua 24 de Maio. De acordo com Carla Aires, a busca por um endereço na Eduardo Ribeiro explica-se pelo fato de que aquela era a principal artéria da cidade, vitrine comercial e símbolo da modernidade baré (MARTINS, op. cit., p. 107).

Por ocasião da mudança, realizou a venda, a preço de custo, até o final do mês de março de 1903, de quatro monumentos de mármore de Carrara, tanto para fixação no cemitério quanto para exportação. No mesmo anúncio informaram que “pelo vapor “Colombo”, a chegar brevemente, receberão 30 toneladas de mármore em bruto e em obras” (QUO VADIS? 05/03/1903, p. 03). No ano seguinte a empresa recebeu uma moderna máquina de cortar e lustrar mármore (JORNAL DO COMMERCIO, 06/11/1904, p. 02). Novas máquinas foram instaladas em 1905 (JORNAL DO COMMERCIO, 14/06/1905, p. 01).

Após esse investimento em novo maquinário, encontramos anúncios em que a marmoraria se apresenta como o “Único estabelecimento ao gênero neste Estado, montado com todos os aparelhos e maquinismos modernos para a execução de toda

e qualquer obra de mármore”. Em um deles (figura 5), de novembro de 1905, vemos três tipos de obras tumulares confeccionadas naquele ano: uma grandiosa com a escultura de um anjo, de Onízia Gomes Teixeira; uma campa tumular com lápide, de Bianca Veronesi; e outra campa, de José Corrêa da Silva (JORNAL DO COMMERCIO, 04/11/1905, p. 03).

Marmoraria Italo-Amazonense
Avenida E. Ribeiro, esquina da rua 24 de Maio
 DE
 PROPRIEDADE DE CESAR VARONESI & C.

Único estabelecimento ao gênero neste Estado, montado com todos os aparelhos e maquinismos modernos para a execução de toda e qualquer obra de mármore. Executa trabalhos de encomenda, sob desenho e a gosto do freguez, tendo, além disso, um grande depósito de trabalhos feitos que vendem a preços rasosáveis.

A Marmoraria Italo-Amazonense
 Tem executado, neste Estado, um grande numero de trabalhos que tem merecido geraes encomios, achando-se aqui ao lado as gravuras dos principaes trabalhos feitos este anno.

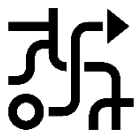
Avenida Eduardo Ribeiro
 ESQUINA DA 24 DE MAIO
 Propriedade de Cesar Varonesi & C.

Tumulo de d. Onízia Gomes Teixeira, no cemiterio de S. João
Mausoleo de d. Bianca Varonesi, no cemiterio de S. João
Mausoleo de José Corrêa da Silva, no cemiterio de S. João

Figura 5 – Anúncio de 1905 da Marmoraria Ítalo-Amazonense mostrando três tipos de monumentos. Fonte: Jornal do Commercio, 04/11/1905, p. 03.

Àquela altura os negócios estavam indo muito bem, tendo ocorrido apenas uma péssima experiência segundo Carla Aires, que foi quando o encarregado Angelo Anello, se aproveitando da ausência de Veronesi, se apoderou das somas da empresa (MARTINS, op. cit., p. 108).

No Dia de Finados de 1908 repórteres do *Jornal do Commercio* teceram um largo elogio à empresa, cujas obras estavam embelezando o Cemitério de São João Batista:



Tivemos ocasião de admirar ali muitas obras novas e bonitas, recém colocadas, simples, solidas e dignas de apreço, pela sua boa confecção, pelo seu bem acabado, todas executadas pelo exímio marmorista Cesare Veronese, proprietário da conhecida e premiada marmoraria *Ítalo-Amazonense*, desta praça, que cada ano mais se desenvolve em crescente progresso, afirmando assim os foros simpáticos que tem de ótimo interprete da arte a que se dedica, com tanto interesse (JORNAL DO COMMERCIO, 02/11/1908).

A qualidade dos trabalhos da *Ítalo-Amazonense* lhe rendeu participações e prêmios em exposições nacionais e internacionais: Medalha de Bronze na Exposição Universal de 1904, realizada em Saint Louis, nos Estados Unidos; participação na Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro, com trabalhos em mármore, alabastro e granito (JORNAL DO COMMERCIO, 06/10/1907, p. 01); e uma Medalha de Menção Honrosa na Exposição Universal de 1910, realizada em Bruxelas, na Bélgica (MARTINS, op. cit., p. 110).

Em 1911, quando a empresa estava se preparando para participar das Exposições Internacionais de Roma e Turim, solicitou aos “[...] proprietários de terras, commandantes de navios e viajantes no interior do Estado a fineza de trazer-lhes todas as amostras de pedras que se encontrarem nos diversos logares do interior, afim de serem convenientemente preparadas em seu estabelecimento para expô-las nas ditas Exposições” (CORREIO DO NORTE, 11/02/1911, p. 03). Durante a viagem para expor suas peças, Veronesi deixou a marmoraria sob os cuidados de Jacob de Oliveira Rocha e Domingos Gomes Coutinho, empregados e gerentes da casa (JORNAL DO COMMERCIO, 20/05/1911, p. 08).

Outro marmorista da cidade no início do século XX, concorrente de Veronesi, foi Victorino José Romão. Ele iniciou suas atividades com uma oficina na rua Guilherme Moreira (AMAZONAS, 26/06/1900, p. 03), mudando-se para a rua Joaquim Sarmiento em 1900 (COMMERCIO DO AMAZONAS, 24/05/1900, p. 02). Seus negócios se expandiram rapidamente, pois em 1904 já aparece como proprietário da Marmoraria Luso-Brasileira, aberta na principal via pública da cidade, a Avenida Eduardo Ribeiro. Em um dos primeiros anúncios de seu novo estabelecimento é informado que:

O proprietário deste bem montado estabelecimento, comunica ao respeitável público que tem exposição 5 monumentos fúnebres, trabalho bem acabado e que vendeu a preços muito reduzidos.

Encarregamo-nos de colocar os mesmos nos Cemitérios da capital ou mesmo no interior do Estado.

Anjos e grinaldas de mármore o que há de mais perfeito. Lapidés ornamentadas em alto e baixo relevo a vontade do freguez. Avenida Eduardo Ribeiro, n. 44 A. *Victorino José Romão* (JORNAL DO COMMERCIO, 19/04/1904).

Por motivo de mudança para Portugal, Victorino José Romão vendeu sua marmoraria para Cesare Veronesi em 17 de abril de 1906 (JORNAL DO COMMERCIO, 18/04/1906). Dessa forma, ele expandiu sua já afamada marmoraria, tornando-se a única empresa do ramo na cidade, posição conservada até 1913, quando surge *A Reformadora*.

Seus trabalhos têm a assinatura "*Fez a Ítalo-Amazonense*", acompanhada da data de fabricação. Ainda é possível encontrar nas quadras mais antigas do Cemitério de São João Batista sepulturas datadas de 1898 e 1899.

É difícil escolher quais os melhores túmulos fabricados pela *Ítalo-Amazonense*, pois todos são de um apuro arquitetônico de encher os olhos. Para termos uma dimensão de sua atuação, escolhi falar do túmulo de Joana Alexandrina da Cruz Taveira e do mausoléu de Ária Paraense Ramos, obras exclusivas.



Figura 6 – Túmulo de Joana Alexandrina da Cruz Taveira. Foto: Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa.

O túmulo de Joana Alexandrina da Cruz Taveira (figura 6) está localizado na quadra 06 do Cemitério de São João Batista e foi executado em mármore de Carrara pela *Ítalo-Amazonense* em 1913. Ele reflete bem sua riqueza familiar, outrora formada por prédios, alguns deles alugados para o Estado, terras e escravizados. Ela deixou para suas filhas Alexandrina da Cruz Nonato e Joana Paula da Cruz Nonato, que aparecem representadas no túmulo, a fortuna de 12:425\$750 réis (doze contos, quatrocentos e vinte e cinco mil, setecentos e cinquenta réis) (JORNAL DO COMMERCIO, 19/07/1912, p. 02).

De acordo com Carla Aires Martins, trata-se de um exemplar do retratismo familiar, em que membros da família são representados em um conjunto escultórico. É uma obra ricamente elaborada, contando com detalhes das vestes, penteados e expressões faciais. Está, sem dúvidas, entre as mais bonitas do cemitério. A organização do conjunto obedece ao princípio da hierarquia familiar: “A mãe, ainda que sentada, está colocada em posição superior às filhas, não só pelo seu papel de geradora, mas também ajudando a transmitir a ideia de que ela agora se encontra em ascensão, no patamar superior de sua nova vida” (MARTINS, op. cit., p. 177-178).

As filhas, que lhe renderam como homenagem o vistoso túmulo, estão representadas ao seu lado, lhe agraciando com flores, lembrando que tudo tem um início, meio e fim. Alexandrina teve a oportunidade de ver as filhas constituírem família e envelhecer, assim como elas tiveram a mãe ao lado por longos anos. No epitáfio lemos: “Aqui jaz D. Joanna A. da Cruz Taveira falecida em 1° de novembro de 1911 com 92 anos de idade – Recordação eterna de suas filhas Alexandrina da C. Nonato e Joanna Paula da C. Ferreira”.

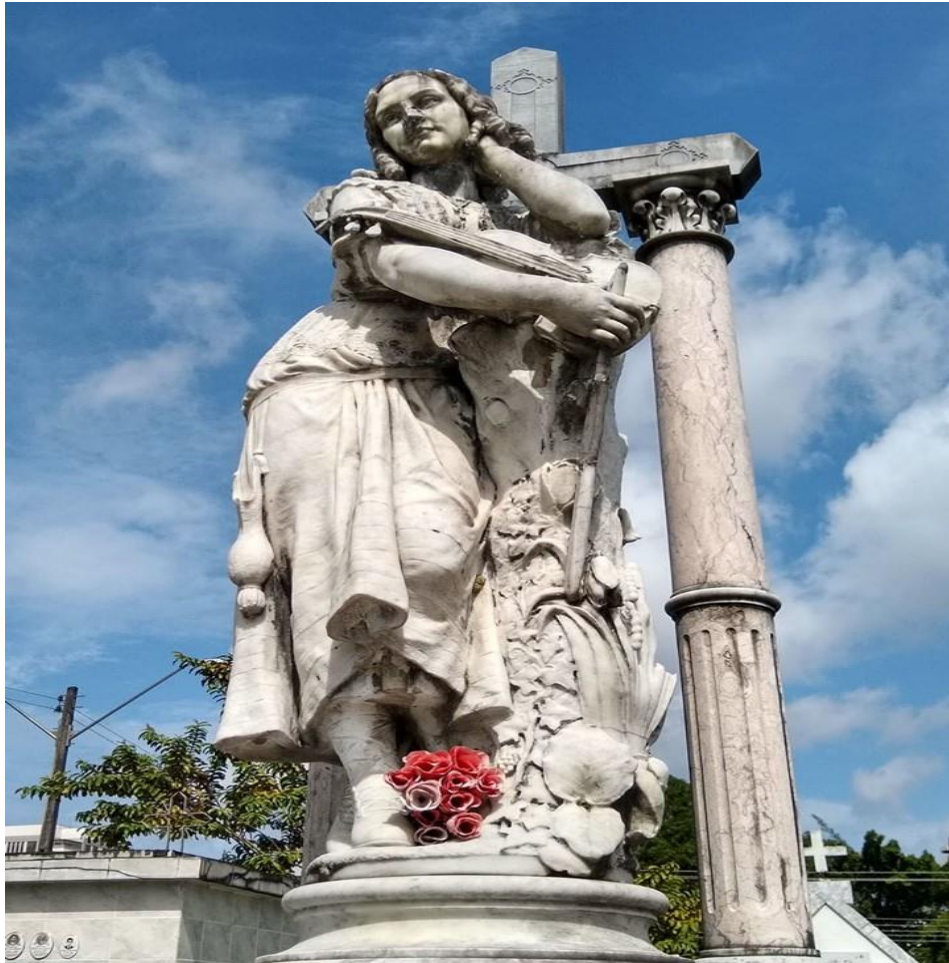
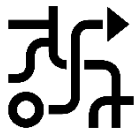


Figura 7 – Mausoléu de Ária Paraense Ramos (1896-1915). Foi construído pela *Ítalo-Amazonense* em 1916. Foto: Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa.

Ária Paraense Ramos (1896-1915) foi uma jovem violinista de origem paraense vítima de um disparo acidental durante o Carnaval manauara de 1915. Sua morte comoveu a sociedade amazonense. De forma a perpetuar sua memória, uma comissão formada pelos senhores João Maranhão, Celino Menezes e Abelardo Araújo tratou de angariar, entre fins de fevereiro e início de março, fundos para a construção de um mausoléu no Cemitério de São João Batista. O dinheiro foi arrecadado através da exibição de filmes e espetáculos no Cine Polytheama.

Sua sepultura (figura 7) foi declarada perpétua pela prefeitura, estando isentos de pagamento de impostos os construtores do monumento fúnebre. Quando o valor necessário à construção foi arrecadado, o trabalho foi encomendado à Marmoraria *Ítalo-Amazonense*. A escultura em tamanho natural de Ária Ramos foi produzida em Carrara, na Itália, pelo professor Augusto Franzoni, natural de Carrara, membro da Academia de Belas Artes daquela cidade e da Comissão de Arqueologia de Roma



(JORNAL DO COMMERCIO, 23/07/1916). A inauguração ocorreu às 9 horas do dia 23 de julho de 1916. O mausoléu foi construído com mármore de Carrara e Cintra. A jovem foi representada segurando seu violino, trajando as vestes e a cruz no pescoço que utilizava no dia de sua morte, apoiada sobre um tronco de árvore, com folhas de parreira e lírios, tendo atrás uma grande cruz sustentada por duas colunas (JORNAL DO COMMERCIO, 24/07/1916).

Outros túmulos e jazigos que não devem ser esquecidos são: túmulo de Eduardo Gonçalves Ribeiro, jazigo da família Cavalcante de Lemos, Mausoléu dos Heróis da Força Policial do Estado (1911), túmulo de Salustiano Cavalcanti (1913), túmulo de Thaumaturgo Vaz Jr (1914) e o túmulo do coronel João Martins de Araújo (1926). Esse belo e grandioso acervo, ao lado do de Orofino, contribuiu para o tombamento do cemitério como patrimônio histórico do Estado do Amazonas em 1988.

Além das obras tumulares, ela também trabalhava vendendo mármore para soleiras de portas e janelas, escadarias, colunas para jardins, balaustradas, revestimentos para cozinhas, banheiros, sentinas, mosaicos, mesas para cozinha, mobílias, monumentos comemorativos, objetos de mármore, alabastro e biscuí para decoração de salas, artigos para desenho, pinturas a óleo, aquarela, guache e pastéis, caixas para armadores, barro para modelação, utensílios para bordados de seda, lã, algodão e canotilha (DIÁRIO DO AMAZONAS, 22/02/1910, p. 04; CORREIO DO NORTE, 05/02/1911, p. 03; COMMERCIO DO AMAZONAS, 1900, p. 03; JORNAL DO COMMERCIO, 14/03/1909, p. 08).

Carla Aires considera a *Ítalo-Amazonense* “a oficina de mais relevância na arte tumular da Belle Époque pelo que se percebe por meio das obras remanescentes” (MARTINS, op. cit., p. 108). Essa é a mesma conclusão do jornalista Leite Barbosa, que em artigo publicado no Jornal do Comercio no Dia de Finados de 1972 registrou que “A *Ítalo-Amazonense*, do escultor Cesare Veronesi, deixou um verdadeiro patrimônio de arte no velho campo santo do antigo Boulevard Amazonas” (BARBOSA, 1972, p. 09).

A Marmoraria *Ítalo-Amazonense* funcionou, ao que tudo indica, até a década de 1940, como registrado nos jornais amazonenses e no Almanaque Laemmert, publicado no Rio de Janeiro (ALMANAK LAEMMERT, 1940, p. 258). Cesare Veronesi faleceu em Manaus em 1941. (JORNAL DO COMMERCIO, 05/09/1941, p. 02).

A REFORMADORA: O EMPREENDIMENTO DURADOURO DE GIOVANNI OROFINO

Em 1913 é inaugurada entre as ruas da Instalação e Lobo d'Almada a marmoraria *A Reformadora*, do italiano Giovanni Orofino. De acordo com o sociólogo Samuel Benchimol, Orofino nasceu em 05 de dezembro de 1885 na cidade de Castelluccio Superiore, na região de Basilicata, província de Potenza, na Itália (BENCHIMOL, 2009, p. 460; datas encontradas pelo autor do artigo no jazigo da família Orofino). Em um anúncio da década de 1930 (figura 8) encontramos a informação de que ele veio para o Brasil em 1904, se estabelecendo em Manaus (CAPPELLI, 2010, p. 118).

Trabalhava com artigos de mármore, importado diretamente da Itália, pisos, sepulturas, móveis, reforma de espelhos e de mobílias. O escritório ficava na rua da Instalação e as oficinas na rua Lobo d'Almada (BENCHIMOL, op. cit., p. 460; AMAZONAS COMERCIAL, 1948, p. 170). Consta em anúncio de 1932 que executava “[...] com perfeição qualquer trabalho em Mármore”, tendo “Estoque de belíssimos mármore em diversos gostos” e um “Serviço rápido de Autotransporte – Responsabilizando-se por todos os danos que possam advir nas mudanças” (O AUTAENSE, 1932, p. 13).

GRANDE MARMERIA "A REFORMADORA"
E MAGAZZINO DI MOBILI
DI GIOVANNI OROFINO
34, Rua da Instalação e Lobo de Almada, 31 – MANAOS

Azionata da modernissime e scelte macchine mosse ad elettricità, la marmoraria del signor Giovanni Orofino é, non solo il migliore e più importante stabilimento del genere in Manaus, ma é realmente in condizioni di reggere il confronto con i meglio montati del nord-Brasile. "A REFORMADORA" importa direttamente dall'Italia marmi finissimi ed eseguisce con grande cura qualsiasi lavoro del suo ramo.

Anche lo stabilimento di falegnameria e fabbrica di mobili del signor Orofino é datato di perfezionati macchinari ed é anch'esso, nel suo ramo, uno dei migliori ed in prima linea fra quelli della città.

Il signor Giovanni Orofino, uno degli italiani di questa nostra collettività maggiormente quotati per la sua abilità e per la sua indefessa attività, nacque a Castelluccio Superiore (Potenza), nel 1885. Venuto in Brasile nel 1904, stabilì la sua Casa nel 1913 accrescendone continuamente la sempre più rilevante importanza.

Giovanni Orofino

Lavoro in marmo

Facciata della Ditta "A Reformadora"

Figura 8 – Anúncio de 1932 da marmoraria *A Reformadora*. Fonte: CAPELLI, Vittorio. *La presenza italiana in Amazzonia e nel nordest del Brasile tra Otto e Novecento*. p. 118.

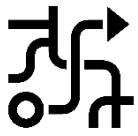
Nos jornais encontramos registros de Orofino realizando seu ofício, “pedindo licença” à prefeitura “para fazer obras numa sepultura no cemitério de São João Batista” (JORNAL DO COMMERCIO, 1929).

Caminhando pelo Cemitério de São João Batista foram encontrados alguns trabalhos confeccionados pela *A Reformadora*, tanto do tipo exclusivo quanto do seriado. Eles carregam em suas bases a assinatura “*A Reformadora*”. Um dos melhores é o túmulo do jovem sírio-libanês Ramses Bader (figura 9), construído na década de 1920. É um trabalho de fino acabamento no qual o homenageado, falecido aos 14 anos, foi representado de forma realista, com traje social, carregando uma caneta no bolso do terno – o que remete à sua condição de estudante – e apoiado sobre uma coluna. É uma típica representação de um membro da burguesia manauara.



Figura 9 – Túmulo de Ramses Bader. Obra de *A Reformadora*. Foto: Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa.

O empreendimento de Orofino iniciou suas atividades quando Manaus já amargava a crise da economia gomífera, com a produção asiática crescendo a cada dia e suplantando a amazônica. Não foi um período fácil, mas *A Reformadora*



conseguiu sobreviver à bancarrota, chegando ao século XXI como *Conservadora União Ltda – Marmoraria Orofino*, beneficiando mármore e granito, terceirizando mão de obra, conservando e limpando repartições públicas, prédios, escritórios e fazendo gravações de placas comemorativas em mármore e fotografias em porcelana (JORNAL DO COMMERCIO, 31/01/2001, p. 07; JORNAL DO COMMERCIO, 07/12/2001, p. 19).

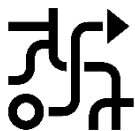
Essa sobrevivência pode ser explicada pela diversificação dos negócios, como podemos ver em anúncios veiculados na década de 1950: “A Reformadora, de G. Orofino & Cia. Ltda. Armazém de móveis [...] aluga-se móveis. Especialista em telas de arame para camas sob medida. Marmoraria. Executa-se trabalhos em mármore para cemitério e construções civis” (JORNAL DO COMMERCIO, 07/09/1955, p. 46).

Àquela altura o investimento em obras tumulares ricamente elaboradas já estava em decadência. As curvas, os desenhos minuciosos, os símbolos, deram lugar às linhas retas e ao simples epitáfio. O mármore de Carrara foi sendo substituído por outros tipos de pedra, com destaque para o granito. Na década de 1970 temos a informação de que a empresa cobrava de quatro a cinco mil cruzeiros para construir um jazigo em mármore, com o material sendo importado do Espírito Santo, e “Uma simples chapa com uma pequena inscrição não fica por menos de Cr\$300,000, tudo dependendo do tamanho, da espessura e dos dizeres da inscrição” (JORNAL DO COMMERCIO, 26/10/1971, p. 02).

Giovanni Orofino faleceu em Manaus em 16 de junho de 1970. A família tocou os negócios até meados dos anos 2000, quando, após um século de atividades, ocasião em que já era a marmoraria mais antiga da cidade em atividade, tendo acompanhado as evoluções da arte tumular, fechou as portas. Nas palavras de Leite Barbosa, ele “também deixou um legado perfeito em mármore” (BARBOSA, op. cit., p. 09).

CONCLUSÃO

A história dos cemitérios de Manaus, como se pôde acompanhar nesse estudo, pode ser dividida em antes e depois das marmorarias. Por um longo período a aquisição de obras tumulares só foi possível em oficinas de cantaria portuguesas, e em marmorarias de outras províncias e estados, como o Pará. Também trabalhavam na construção e embelezamento de sepulturas pessoas como Ignácio Pessoa, Manuel



Serrano e Manoel Paulino da Silva. O mármore de Lioz caracteriza essa fase, lembrando nossa histórica relação com a terra de Camões. Existia uma demanda e a ausência de marmorarias era sentida, como registraram alguns periódicos.

Com o crescimento econômico verificado a partir do final do século XIX, os investimentos na urbanização e embelezamento da cidade e a chegada das novidades do mundo moderno, essa demanda cresceu de forma exponencial. A classe média e a elite estavam ávidas por embelezar suas últimas moradas. Para suprir essa carência, se instalaram na cidade, vendo a oportunidade de prosperar através de seus ofícios, já que ela havia se transformado em um grande canteiro de obras, trabalhadores italianos especialistas na arte escultórica.

É nesse contexto que são inauguradas as marmorarias *Ítalo-Amazonense*, de Cesare Veronesi (1898), e *A Reformadora*, de Giovanni Orofino (1913). De suas oficinas saíram cruzeiros, capelas, anjos, lápides e outros monumentos de qualidade ímpar que, ainda hoje, podem ser vistos no Cemitério de São João Batista. A brancura e a nobreza do mármore de Carrara identificam esse novo momento, marcado pelo movimento, pela crença na prosperidade e na afirmação das posições perante a sociedade através do investimento em túmulos e jazigos monumentais. De Lioz à Carrara, essa foi a trajetória das primeiras marmorarias de Manaus.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

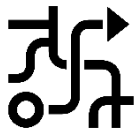
BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia – Formação Social e Cultural*. 3º ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

BARBOSA, Leite. *In Memoriam*. *Jornal do Commercio*, 02/11/1972.

CAPPELLI, Vittorio. La presenza italiana in Amazzonia e nel nordest del Brasile tra Otto e Novecento. In: CAPPELLI, Vittorio; HECKER, Alexandre. *Italiani in Brasile. Rotte migratorie e percoi culturali*, Rubbettino, Soveria Manelli, p. 105-143, 2010.

DERENJI, Jussara da Silveira. *Arquitetura Nortista: a presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998.

DIAS, Pollyana D'Avila Gonçalves. *A arquitetura Neogótica no Período da Borracha: um estudo tipológico das construções de Manaus*. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes), PPGLA-UEA, 2013.



MENDES, Cibele de Mattos. *A cantaria de Lioz na arquitetura funerária de Salvador no século XIX*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2016.

MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: história e arquitetura (1669-1915)*. 4° ed. Manaus: Editora Valer, 2019.

MARTINS, Carla Mara Matos Aires. *Representações na Cidade dos Mortos: uma análise da escultura tumular em Manaus durante o período da borracha*. UEA, (Dissertação de Mestrado em Letras e Artes), 2021.

QUEIROZ, J. Francisco F. *Canteiros de Lisboa: os construtores do cemitério romântico*. Olisipo, Boletim do Grupo "Amigos de Lisboa", 2ª série, n.º 13, p. 55-70, Dezembro de 2000.

RODRIGUES, Paula Andréa Calluf. *Duas faces da morte: o corpo e a alma do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém/PA*. Rio de Janeiro: IPHAN (Dissertação de Mestrado), 2014.

REVISTA dos Monumentos Sepulchraes. Lisboa (PT), v. 1. 1868.

SOUZA, Elza. *Do "Alto" da Minha Colina: sem os bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. 2 vols. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura – MEC, 1972.

FONTES

Commercio do Amazonas, 21/09/1879.

Commercio do Amazonas, 09/10/1880.

Jornal do Amazonas, 09/03/1886.

Amazonas, 18/12/1892.

Diário de Manáos, 25/04/1893.

Diário de Manáos, 30/07/1893.

Commercio do Amazonas, 18/11/1898.

Commercio do Amazonas, 31/10/1899.

A Federação, 15/11/1899.

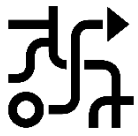
Commercio do Amazonas, 1900.

Commercio do Amazonas, 24/05/1900.

Amazonas, 26/06/1900.

Quo Vadis? 05/03/1903.

Jornal do Commercio, 19/04/1904.



Jornal do Commercio, 06/11/1904.
Jornal do Commercio, 14/06/1905.
Jornal do Commercio, 04/11/1905.
Jornal do Commercio, 18/04/1906.
Jornal do Commercio, 06/10/1907.
Jornal do Commercio, 15/09/1908.
Jornal do Commercio, 02/11/1908.
Jornal do Commercio, 05/11/1908.
Jornal do Commercio, 14/03/1909.
Diário do Amazonas, 22/02/1910.
Correio do Norte, 05/02/1911.
Correio do Norte, 11/02/1911.
Jornal do Commercio, 23/07/1916.
Jornal do Commercio, 24/07/1916.
Imparcial, 05/05/1918.
Imparcial, 04/10/1918.
Jornal do Commercio, 1929.
O Autaense, Itacoatiara, março de 1932.
Almanak Laemmert, edição de 1940.
Amazonas Comercial, 1948.
Jornal do Commercio, 07/09/1955.
Jornal do Commercio, 31/01/2001.
Jornal do Commercio, 07/12/2001.

Recebido em 07/01/2024

Aprovado 18/03/2024